

## A fala da criança e o tempo defasado entre fala e escuta

Viviane Veras\*

Só encontramos sabor naquilo que nos é compatível.

Friedrich Nietzsche – Ecce Homo

Em 1975, em um congresso em Genebra sobre o sintoma, um participante perguntou ao psicanalista Jacques Lacan:<sup>1</sup> "O que é que faz com que uma criança possa escutar? O que é que faz com que a criança seja receptiva a uma ordem simbólica que lhe ensina, ou melhor, que lhe traz a mãe? Há alguma coisa de imanente no pequeno homem?" É a resposta de Jacques Lacan que serve de ponto de partida para a minha fala neste congresso: *O ser que eu chamei humano (ele responde) é essencialmente um ser falante.* – "E um ser que deve poder também escutar" (complementa o interlocutor) – *Mas escutar faz parte da fala.*<sup>2</sup>

Toca à fala a escuta. E foi nisso que Sigmund Freud tocou experimentando em seu saber o sabor dos sonhos, chistes, lapsos e sintomas; esses "dados" que se deixou dar e que, ao mesmo tempo, foi forçado a escolher. Aqui se esboça então a hipótese deste trabalho, entre os métodos (no sentido grego do termo: meta = após + hodos = caminho) de que se mune o pesquisador para abordar os dados heterogêneos e fragmentados da criança, e os métodos de que se valeria o "pequeno inventor", como diz Eleonora Albano.<sup>3</sup> Ele se vale do funcionamento da língua, e vale nesse funcionamento. Proponho que entre esses métodos se intervala o que Fred no-

\* Unibero, São Paulo.

<sup>1</sup> Jacques Lacan, "Conférence à Genève sur le symptôme". *Bulletin de l'Association freudienne internationale*, n. 71, jan. 1997.

<sup>2</sup> Idem, p. 8.

<sup>3</sup> Eleonora Albano, *Da fala à linguagem tocando de ouvido*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, passim.

### EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras

2-GOLIN, Cida  
**MEMÓRIAS DE VIDA E CRIAÇÃO**  
 1999, 220p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

**EDIPUCRS**  
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
 Caixa Postal 1429  
 90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL  
[www.pucrs.br/edipucrs/](http://www.pucrs.br/edipucrs/)  
 E-mail [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)  
 Fone/Fax: (51) 3320.3523

meou, em seu trabalho com os chistes, uma "condição subjetiva",<sup>4</sup> e a hipótese do inconsciente como um vão instantâneo,<sup>5</sup> um vão (corte) que é instante (insistente).

Entre Língua e Fala, as falas "da" criança; esses dados sem doador em que é preciso fazer passar o tempo, dando a essas falas a sua pro-veniência. Suspendi entre aspas a preposição *da* no sintagma *falas da criança*, e chamei-as em seguida de *dados sem doador*, sem sujeito constituído, o que coloca de saída a questão da transmissão. A condição subjetiva, que aponto a partir do estudo dos chistes de Freud, diz respeito ao saber e ao sabor, à invenção da criança (agente e objeto), e é também uma questão de tempo, também da ordem do instante, o que permite que se fale de uma subjetividade não estabelecida de uma vez por todas.

Entre Língua e Fala, retomo o Saussure do Curso de Linguística Geral,<sup>6</sup> mas agora a partir daquilo que seus organizadores precisaram deixar à margem: as fontes reunidas por Robert Godel,<sup>7</sup> publicadas cerca de 50 anos depois. É importante notar que o fato de os três cursos ministrados por Saussure terem sido reunidos em um, fazendo de diversas escutas uma única, oblitera no discurso (ao pé da letra "uma corrida - *cursus* - em diversas direções - *dis*) seu aspecto heteróclito, como assinalam os editores do Curso. A idéia orientadora de traçar um todo orgânico (que foi também o desejo manifesto de Freud ao debruçar-se sobre o *corpus* dos chistes) talvez tenha sido o que os leva a sublinhar a ausência de uma Linguística da Fala, prometida e não cumprida. Tomo aqui as fontes reunidas por Godel como uma carta de portulano. Os portulanos eram cartas de marear que não levavam graduações de latitude ou longitude, apenas linhas e rumos magnéticos a distâncias apenas estimadas, irradiando-se pelos mapas. O balanço do barco da proa à popa é dito em francês *tangage*, e é essa cadência, *t'engage* entre Língua e Fala, que evoco nesta transmissão.

No capítulo que reúne as notas referentes à dicotomia *Langue/Parole*, Saussure dirá que "a natureza e as leis do sistema lingüístico não foram bem compreendidas pelos filósofos nem pelos lingüistas, e o que eles desconheceraam foi o caráter não somente transmissível do sistema, mas o fato de ele ser destinado a ser transmitido e sujeito a sofrer a todo momento toda espécie de deslocamentos que modificam a delimitação dos signos"; que os signos, longe de estarem submetidos à correção da razão, exercem eles próprios, em cada acontecimento, uma ação inelutável sobre o espírito e lhe impõem um compromisso; que, enfim, eles não valem e não podem valer senão por suas diferenças recíprocas, "cada um não repousando senão em um co-status negativo".<sup>8</sup>

Godel comenta, abrindo o capítulo acima mencionado, que não encontrou entre as notas nenhuma definição precisa de Fala, chegando mesmo a duvidar de que a distinção entre Língua e Fala tivesse sido, de fato, definitivamente estabelecida. Quando Saussure aponta a necessidade de separar a língua da fala, afirma: "Se é verdade que temos sempre necessidade do tesouro da língua para falar, reciprocamente, tudo o que entra na língua terá sido antes ensaiado na fala, um número de vezes suficiente para que disso resulte uma impressão durável". Dessas duas esferas, continua, "a esfera fala é a mais social; a outra é a mais completamente individual. A língua é o reservatório individual; tudo o que entra na língua é individual". Entretanto, observa Godel, se a esfera da fala é a mais social e a da língua a mais completamente individual, a conclusão lógica, que Saussure não tira, seria tomar a fala como objeto primeiro da lingüística. Retomando a metáfora da navegação, percorro mais algumas trilhas, não sem antes assinalar que, para fundar a ciência lingüística, Saussure precisou *calar* o barco na direção da língua, e sua carta de marear se fez mapa. Como observa Cláudia de Lemos, o fundador da ciência lingüística buscava um caminho para fora dos paradoxos, cujas fontes eram o sujeito falante (e, com ele, a mudança) e a relação da linguagem com o tempo.<sup>10</sup>

Entrementes, para destacar a ordem própria da língua, Saussure precisa trazer a fala e, de um curso a outro, as posições se invertem, se contaminam, recusando a barra da dicotomia: "podemos e devemos considerar a língua fazendo abstração da fala,

<sup>4</sup> Sigmund Freud, *El chiste y su relación con lo inconciente*. Org., com. e notas de James Strachey com a colab. de Anna Freud. Trad. direta do alemão de José L. Etcheverry, Buenos Aires: Amorrortu, 1989, passim.

<sup>5</sup> Discuto mais detalhadamente essa questão em minha tese de doutorado *Lingüística: um chiste*, Unicamp/IEL, 1999, parte I.

<sup>6</sup> Charles Bally e Albert Sechehaye, "Prefácio à primeira edição", in Ferdinand de Saussure, *Curso de lingüística geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969, p. 1-5.

<sup>7</sup> Robert Godel (1957), *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genebra: Librairie Droz, 1969. Todas as notas atribuídas a Ferdinand de Saussure são notas de alunos de seus cursos. As referências a cada anotador estão indicadas, uma a uma, por Godel.

<sup>8</sup> Idem, p. 143.

<sup>9</sup> Idem, p. 145.

<sup>10</sup> Cláudia de Lemos, "Questioning the notion of development: the case of language acquisition", 1999. (mimeo)

mas não a fala fazendo abstração da língua".<sup>11</sup> A reciprocidade de relação entre língua e fala revira quando Saussure afirma que não há fala coletiva; que todos os atos de fala são individuais e momentâneos, usos individuais do código da língua; mas o depósito que contém o tesouro provém, por sua vez, da fala. Ora, o código é uma instituição social, e Godel chama a atenção para o fato de que Saussure não explica como a idéia do "reservatório individual" se concilia com a de uma língua social.<sup>12</sup>

O que é da língua e o que é da fala? No curso I, Saussure afirma que: "sem dúvida, em um certo sentido, não conhecemos a língua senão pela fala. É necessária a fala para que a língua se estabeleça... para que o acordo necessário à língua se torne coisa realizada". Pergunta-se, em seguida: "Qual é o fenômeno inicial? É que associamos um som a uma idéia? A língua não é inicial, talvez. Mas pouco importa o fenômeno inicial... a questão é inútil. A língua é um tipo de secreção perfeitamente distinta do órgão secretor: a fala... [perfeitamente distinta] da função da fala, necessária para liberar essa secreção".<sup>13</sup> Vale destacar que secretar é pôr à parte, *s'écerner*; secretar é gerar, segredar, esconder, e também cortar, fazer inscrições, escrever.

Interessa-me trazer, neste ponto, as falas da criança. Evitei, de caso pensado, assimilá-las imediatamente à fala definida na dicotomia Língua/Fala. O que me parece é que a criança toca de ouvido (para usar uma expressão de Eleonora Albano) a língua da mãe, essa que Saussure chamou de depósito de secreções da fala, e sua falação não instancia o que se poderia dizer um conhecimento dessa língua, mas sabe a ela. "A língua, diz Saussure, passa seu tempo a interpretar e a decompor o que está nela [...] para, em seguida, com as subunidades que obteve, combinar novas construções".<sup>14</sup> Assim, penso que a criança fala primeiro improvisando nessa língua, em motos contínuos, o balanço pelo qual se deixa levar. Pouco a pouco, uma partitura se impõe, dando ao improviso uma tonalidade, que poderá dar lugar às dissonâncias em que sua fala, vez por outra, permitir-lhe-á assinar sua criação, selando-a com a marca idiomática.

Dentre essas falas, que realizam a língua ao redor da criança, o que é que ela ouve? Essa foi a pergunta que me fiz por ocasião da

leitura de um texto de José Paulo Paes. Em *Infância e poesia*<sup>15</sup>, o autor fala das brincadeiras da criança com a língua materna. Ele diz que é de ouvido que ela canta *soropango da vingança* por *Sur le Point d'Avignon*, a frase da canção francesa que, com seu significado mascarado, vale pelo seu ritmo, e toma para ela um valor encantatório. "O que ela ouve de fato? E essa pergunta não deixa de fazer eco a uma outra: como é que eu ouvia? Por outro lado, pergunto-me também o que a mãe escuta. O que a criança ouve? O que a mãe escuta? Talvez sejam, como disse Saussure, perguntas inúteis. Entretanto, para tocar a fala de ouvido, é a língua materna que a criança precisa ouvir; ela ouve, na língua feita sistema, o jogo instantâneo da pura diferença, sobrepondo-se ao jogo cursivo das oposições regradas pelos cortes, e sua fala implica essa escuta defasada.

E aqui retomo a questão do método: para a escuta do pesquisador, a fala fragmentada da criança ora amalgama "regiões" do sistema, tornando-as indistintas; ora desarticula o que deveria ser ouvido como uma "unidade", dissolvendo as homônimas; o pesquisador escuta a fala da criança sobrepondo a ela o jogo das oposições. Há, então, uma defasagem entre fala e escuta na escuta do pesquisador, o que pode levá-lo a tomar essa fala como uma imitação canhestra da fala da mãe. Nesses ensaios *poéticos*, no entanto, a criança não imita a fala da mãe; sua fala faz mímica disso que língua e fala passam o tempo a fazer (interpretar, recompor, combinar...). Ela faz mímica do processo pelo qual se engendra o sentido, e não do produto. Esses ensaios *poéticos* retornarão depois como lapsos e chistes, instantes em que a fala desencadeia a língua, instanciando um sujeito.

<sup>11</sup> José Paulo Paes, "Infância e poesia", in *Folha de S. Paulo*, 9 de agosto de 1998.

<sup>12</sup> Paes recomenda, contra o embotamento induzido pelos automatismos da linguagem, a leitura regular de poemas, embora seja necessário apontar que saudar o acesso "natural" da criança a esse universo além das palavras é também esquecer que se a poesia desembota, ela também se faz com o que a bloqueia... consistindo em resistir à sintaxe normativa. Perdida nos *soropangos da vingança*, a criança não será capaz de poesia.

<sup>11</sup> R. Godel, op. cit., p. 151.

<sup>12</sup> Idem, p. 146.

<sup>13</sup> Idem, p. 145.

<sup>14</sup> Idem, p. 177.

## Referências bibliográficas

- ALBANO, E. *Da fala à linguagem tocando de ouvido*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BALLY, Ch.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.
- DE LEMOS, C. T. G. Questioning the notion of development: the case of language acquisition. 1999. (mimeo)
- FREUD, S. (1905). *El chiste y su relación con lo inconciente*. Org. com. e notas de James Strachey com a colab. de Anna Freud. Trad. direta do alemão de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- GODEL, R. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genebra: Librairie Droz, 1969.
- LACAN, J. Conférence à Genève sur le symptôme. *Bulletin de l'Association Freudienne internationale*, Paris, 1996, p. 6.
- PAES, J.P. Infância e poesia. *Folha de São Paulo*, 9 ago. 1998.